

ESTUDO DA UTILIZAÇÃO DA ECONOMIA CRIATIVA PELAS COMUNIDADES NEGRAS DA CIDADE DE PIRACICABA – SP - BRASIL

Lucas Barboza de Mori – lucas.brmori@gmail.com

Aluno do Curso Integrado de Mecânica Automotiva/IFSP – Piracicaba

Francisco I. GIOCONDO César – giocondo@ifsp.edu.br

Professor Dr. Área de Mecânica do IFSP - Piracicaba

RESUMO

Devido a necessidade de melhoria financeira, assim como da busca de melhores oportunidades, as comunidades negras da cidade de Piracicaba vêm utilizando do conceito de Economia Criativa (EC) para o fortalecimento de suas comunidades. Esse trabalho tem como objetivo identificar as comunidades negras da cidade de Piracicaba e mapear a sua utilização do conceito de EC para o seu fortalecimento econômico e/ou social. O método aqui utilizado, a princípio foi um levantamento bibliográfico exploratório com a finalidade de sedimentar o conceito de EC. Em seguida foi realizado um trabalho de campo para identificar as principais comunidades negras da cidade de Piracicaba, e finalmente conhecer as principais atividades por elas desenvolvidas onde utilizam e colocam em prática a EC.

Palavras-chave: Economia Criativa; Comunidades negras; Formação da cultura negra de Piracicaba e região.

STUDY OF THE USE OF THE CREATIVE ECONOMY BY THE BLACK COMMUNITIES IN THE CITY OF PIRACICABA - SP – BRAZIL

ABSTRACT

Due to the need for financial improvement, as well as the search for better opportunities, the black communities in the city of Piracicaba have been using the concept of Creative Economy (EC) to strengthen their communities. This work aims to identify black communities in the city of Piracicaba and map their use of the CE concept for their economic and/or social strengthening. The method used here, at first, was an exploratory bibliographic survey with the purpose of consolidating the concept of CE. Then, field work was carried out to identify the main black communities in the city of Piracicaba, and finally to know the main activities developed by them where they use and put CE into practice.

Keywords: Creative Economy; Black communities; Formation of black culture in Piracicaba and region

1. Introdução

1.1 Apresentação do assunto

O presente trabalho trata sobre o conceito de EC, e de como as comunidades negras de Piracicaba -SP utilizam desse conceito para fortalecer suas culturas e tradições, assim como para garantir a sobrevivência econômica.

Desde de o início da civilização, o homem busca métodos para garantir a sua sobrevivência. No Neolítico (idade da pedra polida), por exemplo, o desenvolvimento da técnica da agricultura resultou numa maneira mais cômoda e efetiva de sobreviver, já que o homem primitivo deixou de depender da sorte para encontrar alimentos e pôde se fixar em lugares mais seguros e férteis (FELDENS, 2018).

Nos tempos modernos buscar a sobrevivência é equivalente a buscar uma fonte de renda, afinal, nos dias de hoje não é possível sobreviver sem dinheiro. Além de ser indispensável para que possamos suprir as necessidades diárias como alimentação e moradia, o dinheiro nas configurações atuais da sociedade também permite cidadania e dignidade para o ser humano (RUSSO, 2007). Como vivemos no capitalismo a forma mais tradicional de se conseguir o indispensável dinheiro é através do trabalho assalariado, também conhecido como emprego.

Levando em consideração o fato de que estamos num mundo em que a estimativa para 2022 é de que 205 milhões de pessoas estarão desempregadas, de acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2019) se torna extremamente relevante e importante aprender sobre técnicas econômicas alternativas como a EC, que se desvencilha dos empregos tradicionais, e que atualmente já garante a sobrevivência de muitas pessoas.

1.2 Justificativa

Se o desemprego e a pobreza já são adversidades para toda a sociedade em geral, quando tratamos exclusivamente da população afrodescendente esses problemas são ainda mais graves. As pessoas negras (pardas e pretas) no Brasil dificilmente encontram-se em papel de destaque, e além disso, os negros sofrem mais com o desemprego do que os brancos e tem os menores salários independentemente do nível de instrução segundo o IBGE (2019).

Diante disso, a EC se apresenta como uma alternativa eficiente, principalmente, para estes que estão excluídos, ou em vias de exclusão, do mercado formal de trabalho e que buscam meios para geração de renda. Além do auxílio econômico, a implementação da EC nas comunidades negras também possui o papel importantíssimo de reforçar e preservar a cultura afrodescendente como valores e tradições que identificam a comunidade (OLIVEIRA et al, 2013).

1.3 Descrição do problema

Como exatamente as comunidades negras, especificamente as localizadas na cidade de Piracicaba, utilizam, talvez mesmo que de forma inconsciente, o conceito de EC na prática como fonte de renda para garantir sua sobrevivência? Quais as atividades que abrangem a EC elas desenvolvem?

1.4 Objetivos – Geral / Específico

Objetivo geral: Esse trabalho tem como objetivo identificar as principais comunidades negras da cidade de Piracicaba e mapear a sua utilização do conceito de EC para o fortalecimento econômico e/ou social delas.

Objetivo específico: Encontrar correlação entre os produtos, serviços e ou eventos, desenvolvidos pelas comunidades negras de Piracicaba com os setores da EC e descreve-los.

2. Referencial teórico

2.1 Economia Criativa

A EC pode ser definida como o conjunto de atividades em que se inclui a criatividade como fator de produção de bens e serviços ou também como matéria-prima e mercadoria (IPEA, 2013). Essas atividades podem estar relacionadas à comunicação, TV e rádio, publicidade, arquitetura, música, design, moda, artes visuais e cênicas, pesquisa e desenvolvimento, software e games, artesanato, turismo e patrimônio histórico e cultural (NÚÑEZ, 2016). Podemos também fragmentar a EC em setores, assim como está exibido na tabela a seguir.

Tabela 1 – Apresentação dos setores da economia criativa (que na tabela estão em negrito nas células cinzas), separados pelos núcleos industriais: consumo, cultura, mídia e tecnologia (que

Consumo	Cultura	Mídias	Tecnologia
Publicidade & Marketing: Atividades de publicidade, marketing, pesquisa de mercado e organização de eventos.	Expressões Culturais: Artesanato, folclore, gastronomia.	Editorial: Edição de livros, jornais, revistas e conteúdo digital.	P&D: Desenvolvimento experimental e pesquisa em geral exceto biologia.
Arquitetura: Design e projeto de edificações, paisagens e ambientes. Planejamento e conservação.	Patrimônio & Artes: Serviços culturais, museologia, produção cultural, patrimônio histórico.	Audiovisual: Desenvolvimento de conteúdo, distribuição, programação e transmissão.	Biotecnologia: Bioengenharia, pesquisa em biologia, atividades laboratoriais.
Design: Design gráfico, multimídia e de móveis	Música: Gravação, edição e mixagem de som; criação e interpretação musical.		TIC: Desenvolvimento de softwares, sistemas, consultoria em TI e robótica.
Moda: Desenho de roupas, acessórios e calçados e modelistas.	Artes Cênicas: Atuação; produção e direção de espetáculos teatrais e de dança.		

estão nas células azuis).

Fonte: (FIRJAN, 2014).

A EC também se apresenta como uma forma de fomentar a inclusão social, pois contempla atividades culturais que podem ser importantes na formação de elos entre grupos sociais de diferentes comunidades. Por meio do compartilhamento da experiência cultural, comunidades que vivenciam situações de conflito podem se beneficiar de maior coesão social e, assim, reduzir seus níveis de tensão. (UNCTAD, 2010)

O Reino Unido foi pioneiro em enxergar as indústrias criativas como relevantes para a economia nacional. No final da década de 1990, o Departamento de Cultura, Mídia e Esportes (DCMS), da Grã-Bretanha, lançou o mapeamento de Indústrias Criativas cujo objetivo era mostrar que estas vão além do papel da cultura e possuem um vasto potencial de geração de empregos e riqueza (MADEIRA, 2014).

Nos dias atuais é possível observar que essa área está se desenvolvendo com expressividade, e que cada vez mais, busca estabelecer relações entre a tecnologia, a inovação, a cultura e a sustentabilidade (SEBRAE, 2020). Um estudo realizado pela Ernst & Young (EY, 2015) com o apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), apontou que o valor de mercado do setor criativo no mundo foi estimado em US\$ 2,25 trilhões em 2013, totalizando 3% do produto interno bruto (PIB) mundial naquele ano.

Em solo nacional o primeiro estudo lançado foi “A Cadeia da Indústria Criativa no Brasil”, em 2008, pelo Sistema FIRJAN (MADEIRA, 2014). Esta economia vem crescendo no país, incrementando seus estudos voltados, para a compreensão de suas características e como ela pode se tornar um transmissor de desenvolvimento econômico e urbano (MEDEIROS JUNIOR et al., 2011).

Em 2015, indústrias criativas do Brasil foram responsáveis por gerar R\$ 155,6 bilhões, o que representou 2,64% do PIB brasileiro naquele ano (FIRJAN, 2016). A EC é tão eminente no país que a perspectiva de crescimento das indústrias criativas no Brasil é superior à média mundial. Enquanto a taxa de crescimento anual para os segmentos brasileiros é de 4,6% no período 2016-2021, para o resto do mundo, a taxa de crescimento é de 4,2%, segundo o Global Entertainment and Media Outlook 2017-2021, estudo realizado pela Pricewaterhouse Coopers (PWC, 2017).

2.2 Comunidades negras

No Brasil a história das comunidades negras começou durante a escravidão (1550 – 1888). O excesso de trabalho, os castigos e maus-tratos, e o trabalho excedente, forçava os trabalhadores escravizados a tentarem fugir para as matas como forma de defesa de sua própria existência biológica (FIABANI, 2005). Em algumas regiões brasileiras, a densidade da população escravizada superava numericamente a população livre, o que dificultava o controle dos escravizadores e proporcionava fugas frequentes. (CONRAD, 1978). Os escravos fugitivos formaram as primeiras comunidades negras do Brasil, formando os Quilombos.

Kabengele Munanga, antropólogo e professor brasileiro-congolês, afirma que o quilombo brasileiro “é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstituído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontravam todos os oprimidos” (MUNANGA, 1995). Com a Abolição da escravidão, em maio de 1888, o trabalhador escravizado não necessitava mais fugir. Nesse momento, acabou o fenômeno quilombola. Após esse

marco histórico quem era ex-quilombola associou-se e envolveu-se na luta da população rural pobre na defesa e conquista de terras (FIABINI, 2008).

Mesmo antes da Abolição da Escravatura, muitos grupos já tinham uma base econômica bem definida, com uma organização social estruturada, que eram vistas como um tipo de unidade familiar (ALMEIDA, 1996). Negros e negras vendiam doces, frutas e quitutes e atividades artesanais, também eram realizadas por escravos. Como elemento da própria cultura africana, a união em prol da construção de estratégias era fundamental para resistência.

Nos dias atuais a situação não é diferente, diante dos problemas econômicos, como maior taxa de desemprego e salários inferiores onde o rendimento médio dos brancos é de R\$ 2.814 enquanto os negros têm um rendimento médio de R\$ 1.570 (EQUIPE LUPA, 2018), e da necessidade de valorizar as identidades negras na luta contra o racismo surgem diversos negócios, com traços na EC, que visam a inclusão dos afrodescendentes no sistema financeiro. Alguns negócios desenvolvidos por, e para sociedades negras, famosos no Brasil são: Preta hub, Clube da preta, Diáspora.Black, entre outros.

A Preta Hub é uma plataforma de criatividade, inventividade e tendências pretas. Uma de suas principais iniciativas é a Feira Preta, que promove negócios de empreendedores negros e cria maior visibilidade para a temática. Ao longo de seus 18 anos a Feira Preta já movimentou cerca de 4 milhões de reais. (BARKI et al, 2019)

O Clube da Preta é um clube de assinaturas de moda. O diferencial do negócio é o de reunir produtos de vestuário, artes, e acessórios criados por afro-empresendedores (JUNIOR, 2020).

O Diáspora.Black é uma rede global de compartilhamento de quartos. O foco da empresa é valorizar as identidades negras e experiências turísticas afrodescendentes. Ela surgiu como forma de se desviar das dificuldades e preconceitos que um negro sofre ao tentar alugar um apartamento, experiência que foi vivida por Carlos, um dos fundadores do projeto (BARKI et al, 2019).

2.3 Formação da cultura negra de Piracicaba e região.

Desde o início do povoamento de Piracicaba, em meados de 1767, a presença dos negros na região é expressiva. Em 1828, os negros escravizados totalizavam 27,7% da população total da cidade. Um ano antes da abolição, em 1887, Piracicaba era o terceiro município paulista com maior número de escravos, com 5.663 (CALINDRO, 2009).

Assim como em todo o país, as primeiras comunidades negras do município surgiram com escravos fugitivos. O primeiro registro da formação de quilombos em Piracicaba foi em março de 1804. O relato, feito pelo sargento Carlos Bartolomeu de Arruda Botelho (pai do Carlos José de Arruda Botelho, cujo nome foi dado a uma rua de Piracicaba) afirmava que os escravos estavam fugindo e se agrupando na cabeceira do Rio Corumbataí (CALINDRO, 2009).

Mesmo com a abolição as comunidades formadas por afrodescendentes não pararam de surgir na cidade. Diante dos problemas relacionados ao racismo, estabeleceram-se diversas organizações dirigidas por pessoas negras em Piracicaba. Essas ofereciam diferentes tipos de atividades, que os negros normalmente eram excluídos, como esportes, danças, jogos, bibliotecas, dramaturgia, escolas, assistência em casos de doenças e morte, entre outras (LUCINDO, 2020). A Sociedade Beneficente

13 de Maio, é um grande exemplo. Fundada em 1901, seus objetivos foram pautados em prestação de serviços médicos, farmacêuticos, jurídicos e educacionais (BATISTA, 2014). Atualmente sua sede pertence Prefeitura Municipal de Piracicaba e é considerada patrimônio histórico e cultural.

Nos dias de hoje, as comunidades negras piracicabanas não se extinguiram, muito pelo contrário, elas cresceram e continuam lutando para dar mais visibilidade à cultura afrodescendente. As organizações Vila África, Afropira, Casa do hip-hop e o Baque Caipira – Maracatu, são grandes exemplos.

Elas são símbolos reais do povo que inúmeras vezes foi atacado pelo racismo, mas sempre venceu, através da resistência, a barreira do preconceito, mantendo viva suas tradições.

3. Métodos e metodologia

Esta pesquisa foi desenvolvida a princípio em uma pesquisa bibliográfica exploratória, com a finalidade de atualizar o conhecimento em relação aos temas aqui evolvidos. Em seguida foi realizada um estudo de caso na cidade de Piracicaba – SP – Brasil, com a finalidade de conhecer as comunidades, assim como as principais atividades da EC por elas desenvolvidas. Esta pesquisa foi desenvolvida utilizando os sites disponível das comunidades.

4. Pesquisa.

Para facilitar a compreensão e entendimento da pesquisa, além de deixa-la mais objetiva, construiremos uma tabela. Ela irá apresentar ações desenvolvidas por comunidades negras de Piracicaba que abrangem a EC

Foram identificadas um total de 9 comunidades negras em Piracicaba - SP. São elas: Afropira, Baque Caipira – Maracatu, Barranco Cultural Santa Fé, Batuque de Umbigada, Casa do hip-hop, Centro Cultural e Social Vila África, Centro de Documentação e Política Negra Treze de Maio, Centro de Terreiro Candomblé e Samba de Lenço.

As comunidades que possuem *sites* próprios são: Afropira, Baque Caipira – Maracatu, Casa do hip-hop e Centro Cultural e Social Vila África. Eles serviram como base para conhecermos as atividades que são realizadas para obter recursos financeiros e valorização cultural em cada organização, e para que possamos identificar quais dessas atividades utilizam a EC.

Diante da dificuldade em entrar em contato com os líderes das comunidades a tabela será construída exclusivamente com conteúdo presente em *sites* da internet. Todos os links usados para a pesquisa serão mencionados na tabela e nas referências bibliográficas do artigo.

Os nomes das comunidades serão apresentados na primeira coluna da tabela. Na segunda, iremos exibir as atividades que essas realizam que abrangem a EC. Na terceira e última coluna, especificaremos quais os setores da EC em que as comunidades atuam

com as atividades que realizam, seguindo as definições da tabela 1, presente no segundo capítulo (referencial teórico).

Tabela 2 – Resumo das ações realizadas pelas comunidades negras de Piracicaba que abordam setores da EC.

Comunidade	Ações que abordam a EC	Setores da EC que são desenvolvidos com as ações
Centro Cultural e Social Vila África	<p>Eventos: Fórum de Cultura Negras; Festival de Cultura Afro-brasileira e Intercâmbio - IÊALEMBRASIL "Brasil-Alemanha-Angola"; Mês da Consciência Negra "novembro"; Coletivo Anônimos; Traças de Afros.</p> <p>Oficinas: Dança-afro; Samba Rock; Passinho; Capoeira; Maracatu - Baque-Mulher; Zumba; Samba de Terreiro; Danças Urbanas; Workshop de Percussão geral.</p> <p>Obs: Pretendem lançar produtos com uma marca própria no futuro.</p> <p>Fonte: https://www.vilaafrica.com</p>	Publicidade e Marketing; Patrimônio e Artes; Expressões Culturais; Artes Cênicas; Música e, futuramente, Moda.
Casa do Hip Hop	<p>Oficinas: Costura Criativa (ConsturAção); Dança Krump; Vivências Afro-Caipiracicabana; Grafite; Breaking; Danças Urbanas e Culinária. Estúdio para ensaios/criações musicais e oficinas audiovisuais: DJ; Bateria e Violão.</p> <p>Cooperativa de orientação profissional: Cooperaja.</p> <p>Fonte: https://www.casadohiphop.com.br/atividades</p>	Publicidade e Marketing; Patrimônio e Artes; Artes Cênicas; Expressões Culturais; Música; Audiovisual.
Afropira	<p>Evento Afropira (maior encontro Afro de Piracicaba); Portal de redações e vídeos.</p> <p>Fonte: http://afropira.com.br</p>	Publicidade e Marketing; Patrimônio e Artes e Editorial.
Baque Caipira-Maracatu	<p>Oficina: Dança Maracatu de Baque Virado.</p> <p>Eventos: Encontro Maracatu e palestras de ensino e debate.</p> <p>Comercialização de produtos próprios: chaveiro, adesivo, caneca, camisetas, brincos, colares, mini tambores e agbê pequeno.</p> <p>Fonte: https://apoia.se/baquecaipira</p>	Publicidade e Marketing; Patrimônio e Artes; Design; Moda e Audiovisual.

Fonte: Elaboração própria.

5. Análise dos resultados

Analisando a tabela podemos observar que dentre todas as comunidades presentes, a organização Centro Cultural e Social Vila África é a que realiza maior número de atividades. Podemos relacionar esse fato com sua idade, já que ela, juntamente com o Centro de Documentação e Política Negra Treze de Maio, é a comunidade negra mais antiga da Cidade de Piracicaba.

Em relação a comunidade Casa do Hip-Hop podemos observar que apesar do seu nome apresentar um estabelecimento musical, nem todas as atividades desenvolvidas pela organização possuem relação com música. Podemos então pressupor que a comunidade cresceu e conseqüentemente ganhou novos talentos que tornaram possíveis mais alternativas criativas para obter renda além da música.

Dentre todas as comunidades da tabela podemos afirmar que a Afropira é a que desenvolve menos atividades. Isso devido ao fato da organização concentrar seus recursos em um único evento, que por consequência se tornou o maior encontro Afro de Piracicaba, evento que carrega o nome da própria organização, o Evento Afropira.

Sobre a comunidade Baque Caipira-Maracatu, podemos observar que ela, dentre todas as outras organizações presente na tabela, é a única que utiliza a criatividade e cultura afro para produzir e comercializar produtos pessoais (camisas, colares, canecas e etc.). Mas é notável que a organização não se restringe somente a venda dos produtos. Ela também explora a organização de eventos, assim como todas as outras comunidades, e a dança Maracatu de Baque Virado para gerar recursos.

6. Considerações finais.

Diante dos dados que foram obtidos como resultado da pesquisa, ficou evidente que a EC está fortemente presente nas atividades desenvolvidas pelas comunidades negras da cidade de Piracicaba – SP - Brasil. Isso fica explícito quando observamos na tabela que todas as comunidades examinadas, sem nenhuma exceção, exercem atividades que compactuam com a EC.

Podemos identificar uma ampla diversidade da forma em que a criatividade está sendo explorada para alcançar os objetivos das organizações, dado que, diversos setores diferentes da EC foram incluídos na tabela, e que, nenhuma comunidade trabalha identicamente em torno dos mesmos setores que as outras.

Todas as comunidades estudadas têm como principal objetivo dar mais visibilidade a cultura e as tradições afrodescendentes, e para atingir esse propósito, fazer com que suas ações alcancem públicos cada vez maiores é essencial. Esse objetivo principal está refletido na tabela, tendo em vista que, os únicos fatores da EC que foram comuns em todas as organizações foram: o setor de Publicidade e Marketing, que atuam na atração de pessoas, e o setor de Patrimônio e artes que tratam de serviços e produções culturais, e nesse caso em específico da cultura afro.

Bibliografia

AFROPIRA (2021). Festival Afropira. Disponível em: <http://afropira.com.br>. Acessado: 23 de set. 2021.

ALMEIDA, A. W. B. (1996) Quilombos: sematologia face a novas identidades. In: Frechal – terra de preto, quilombo reconhecido como reserva extrativista. São Luís: SMDDH/CCN-PVN.

BAQUE CAIPIRA. (2021). Apoia-se. Preserve o Baque. Disponível: <https://apoia.se/baquecaipira>. Acessado em: 23 de set. 2021.

BARKI, E., MACEDO, M., & LEÃO, P. (2019). A hora e a vez do empreendedorismo negro. *Revista GV novos negócios*, 10(10).

BATISTA, R. D. C. S. F. (2014). Damas de Ébano nos clubes sociais negros: trancinhas e batom. *Comunicações*, 21(1), 39-53.

CALINDRO, A. R. V. (2009). *A colocação dos pronomes clíticos em O Patrocínio: periódico da imprensa negra de Piracicaba* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).

CASA DO HIP-HOP (2021). Nossas atividades. Disponível em: <https://www.casadohiphop.com.br/atividades>. Acessado em: 23 de set. 2021.

CONRAD, R. (1978). Os últimos anos da escravidão no Brasil: 1850-1888. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

EQUIPE LUPA. (2018). Pnad Contínua: cinco verdades sobre a renda dos brasileiros em 2017. Piauí. Recuperado de <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/04/13/cinco-verdades--renda-brasil/>.

FIABANI, A. (2008). Os novos quilombos: luta pela terra e afirmação étnica no Brasil [1988-2008].

FEDERAÇÃO, DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO; DO RIO, DE JANEIRO - FIRJAN (2014). Mapeamento da indústria criativa no Brasil. Rio de Janeiro.

FELDENS, L. (2018). **O homem, a agricultura e a história**. Ed. Univates. 171 p

IBGE. (2019). Pretos ou pardos estão mais escolarizados, mas desigualdade em relação aos brancos permanece. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agenciasala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-maisescolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>. Acessado em: 12/07/2021

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA (2013). Panorama da Economia Criativa no Brasil. Brasília: Rio de Janeiro.

JUNIOR, V. A. B. O. (2020). PROCESSO DECISÓRIO DURANTE A CONSTRUÇÃO DO MODELO DE NEGÓCIO: estudos de caso sobre negócios sociais.

LUCINDO, W. R. S. (2020). Comemorações, cidadania e festas: o associativismo negro em Piracicaba e Campinas nas três primeiras décadas do século XX.

MADEIRA, M. G. (2014). Economia criativa: Implicações e desafios para a política externa brasileira. Brasília: FUNAG.

MEDEIROS JUNIOR, H. M; JUNIOR, J. G; FIGUEIREDO, J. L. (2011). **A importância da economia criativa no desenvolvimento econômico da cidade do Rio de Janeiro**. Coleção de Estudos Carioca, Rio de Janeiro. P. 19.

MUNANGA, K. (1995). Identidade, Cidadania e Democracia: Algumas Reflexões sobre os Discursos Antirracistas no Brasil”, QUINTAS, Fátima (org.), O Negro: Identidade e Cidadania, Anais do IV Congresso Afro-Brasileiro, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Editora Massangana.

NÚÑEZ. T. (2016). **A economia criativa do RS: estimativas e potencialidades**. Porto Alegre, v. 44, n.2, p. 93-108.

OLIVEIRA, J. M. D., ARAÚJO, B. C. P. O. D., & SILVA, L. V. (2013). Panorama da economia criativa no Brasil. Ipea.

PWC – PRICEWATERHOUSE COOPERS (2017). Global entertainment and media outlook 2017-2021.

RUSSO, G. (2007). No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. Caderno CRH.

SEBRAE. Economia Criativa. (2020). Disponível em: https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/segmentos/economia_criativa/como-o-sebrae-atua-no-segmento-de-economia-criativa,47e0523726a3c510VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acessado em: 26/07/2021.

UNCTAD – UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT. (2018). Creative economy report 2008. The challenge of assessing the creative economy: towards informed policy-making. Geneva: United Nations.

VILA ÁFRICA (2021). Centro cultural e social Vila África. Atividades. Disponível em: <https://www.vilaafrica.com>. Acessado em: 01 de set.2021.

Agradecimentos: Os autores querem agradecer a Marcinha da Afro Pira por abrir a oportunidade de conhecer a cultura negra desenvolvida na cidade; como também agradecer ao IFSP – Piracicaba pela oportunidade da bolsa do Projeto de Extensão – Edital 232/2021, ao aluno e autor deste.